

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.

"Tinha uma pedra no meio do caminho": Oficinas de Poesia em CTs Capixabas

Dra. Renata Bomfim – Faculdade Saberes

Resumo:

Entre agosto de 2014 e abril de 2015 integramos a equipe do Projeto Terapêutico e Social do Centro de Acolhimento para Pessoas com Dependência Química do ES. Nesse trabalho nos deparamos com o desafio de desenvolver um plano de Atividades Lúdicas Terapêuticas (ALT) junto a dezesseis comunidades terapêuticas (CTs) credenciadas pelo Governo do Estado. Lançamos um olhar sobre alguns textos poéticos produzidos durante essa experiência, refletindo sobre a importância da inserção das práticas de leitura e de escrita de poesia (e outros gêneros) nas grades de atividades das CTs. Nossa inserção nesse serviço tinha como objetivo criar condições para que o Outro, enquanto alteridade, falasse e que a sua voz fosse ouvida. Refletimos sobre essa experiência tendo como aportes teóricos basilares a Teoria Pós-colonial, a Teoria da linguagem segundo Bakhtin e contribuições de pensadores como Michael Foucault, Jacques Rancière, Marcuse, Boaventura de Sousa Santos e Alfredo Bosi. As oficinas de poesia nas CTs trouxeram à cena questões sociais relevantes no âmbito dos Direitos Humanos, ratificando a proposição de Marcuse, para quem a arte, na sua autonomia perante as questões sociais, é capaz de romper com a consciência dominante, revolucionando, dessa forma, a experiência.

Palavras-chave: Poesia; Oficinas terapêuticas; Comunidades terapêuticas.

Quando aceitamos o convite para integrar a equipe do Projeto Terapêutico e Social do Centro de Acolhimento para Pessoas com Dependência Química do ES (CAPDQ) trazíamos no bojo a experiência de ter trabalhado na estruturação de alguns serviços de saúde mental da capital capixaba: o Centro de Atenção Psicossocial Ilha de Santa Maria (PMV), o primeiro ambulatório para crianças e adolescentes, no Hospital Universitário Cassiano Antônio Morais (HUCAM), – uma tentativa de estruturar um CAPSi –, e o Centro de Atenção Para Crianças e Adolescentes (CACIA), na UFES. Esse percurso profissional transdisciplinar teve início quando estudávamos artes plásticas na UFES, a partir do nosso ingresso no projeto de extensão Cada Doido Com Sua Mania (CDSM).

Atuar no campo da saúde mental é um desafio que perpassa o profissional em variados níveis. É necessário, além do cuidado para com a parte teórica e metodológica que envolve as ações em saúde nas suas múltiplas interfaces, que o profissional atente para a

própria saúde mental e reveja constantemente os seus valores, de forma que não incorra em julgamentos, preconceitos e injustiças, promovendo, assim, a doença e não a saúde.

Quando começamos a trabalhar no CAPDQ, em agosto de 2014, dezesseis comunidades terapêuticas (CTs) estavam credenciadas pelo Governo do Estado, esse número foi se reduzindo até chegar a treze CTs. Essa diminuição deve ao fato de algumas CTs não terem se adequadas às exigências dos editais federais e do Estado. As CTs estavam distribuídas em variadas regiões capixabas, – Piúma, Serra, Alegre, São Mateus, Viana, Cariacica –, sendo que das treze CTs, apenas duas eram destinadas a acolher mulheres. Em agosto de 2015, o Conselho Nacional de Políticas sobre Drogas (Conad/MJ) aprovou uma Resolução que regulamentou as comunidades terapêuticas¹. As CTs são entidades que realizam o acolhimento de pessoas, em caráter voluntário, com problemas associados ao uso nocivo ou dependência de substância psicoativa (SPA). Esses serviços integram o Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas.

Para realizarmos as oficinas de poesia nas CTS nos valem do pressuposto de que a arte não é alheia ou neutra, antes, ela é uma manifestação humana necessária e que se atualiza no tempo. Na obra *A partilha do sensível* (2005), Jacques Rancière chama a atenção para a existência de uma politicidade sensível nas partilhas estéticas, fator que vincula o artista ao “revolucionário”, tornando-o um “inventor da vida nova” (RANCIÈRE, 2005, p. 23). Na obra *O ser e o tempo da poesia* (1977), Alfredo Bosi fala que o poema é “uma conquista do discurso”, e que guarda uma “potência expansiva” que tudo permeia. Mesmo a imagem bruta que poderia dar a “sensação de algo empedrado: o meio do caminho o meio do caminho o meio do caminho”, na corrente do texto, ratifica que nada existe de já feito, mas que tudo está se fazendo (BOSI, 1977, p. 29). Maurice Blanchot (2011, p. 91), ratifica o pensamento de Bozi quanto define o poema como “começo”, ele acrescenta que “os versos são experiências ligadas a uma abordagem viva, a um movimento que se concretiza na seriedade e no trabalho da vida”.

O poema “No meio do caminho”, de Carlos Drummond de Andrade, foi o primeiro que levamos para ser trabalhado nas oficinas junto aos acolhidos das CTs. Esse poema, um dos mais conhecidos (e parodiados) da literatura brasileira, possibilita variadas leituras, nos grupos em questão remeteu, imediatamente, para “a pedra”, ou seja, para o crack, droga com padrão de uso compulsivo que atinge usuários de perfis variados. A dependência do

¹Observatório Brasileiro de Informações sobre drogas (OBID): Disponível em: <<http://www.obid.senad.gov.br/portais/OBID/index.php>>. Acesso em 04 out.2015.

crack é física e psicológica, sendo que além de sintomas psíquicos como a fissura e os sintomas depressivos, há a questão da ilegalidade dessa droga, que envolve o usuário em conflitos com a polícia e/ou com o tráfico.

O texto drummondiano abriu um espaço dialógico no qual cada membro do grupo pode expressar, de forma verbal e escrita, o significado “da pedra” e do “caminho” para si. Overdoses, perdas, solidão, a violência da “bocada²”, complicações físicas decorrentes do uso/abuso das drogas, esperança de conquistarem um futuro diferente, emprego, família, viagens, estudos, fé, temas variados e contraditórios deram forma um mosaico formado por histórias de vida. Os nomes “pedra”, e “caminho” tornaram-se imagens recortadas “de um momento da experiência humana”, desenhando na pele do texto imagens da vida real (BOSI, 1977).

O poeta Paulo Leminsk questionou como um artista poderia tomar da palavra poética, – que é princípio do prazer no uso da linguagem –, senão por meio de “pequenos gestos kamikazes”? Considero os atos poéticos (rodas de leitura reflexiva, saraus de poesia, varais de poesia, entre outros) realizados nas CTs, como sendo “pequenos gestos kamikazes”, ou seja, ações que exigiram envolvimento, exercício da escuta afetiva e revisão de práticas e valores.

O lingüista Mikhail Bakhtin (2003) destacou que a linguagem, cujo princípio constitutivo é o diálogo, é um fenômeno que só acontece na relação do sujeito com o outro. As oficinas de poesia permitiram o encontro *face a face* entre variadas singularidades, o que fomentou o despertar de uma sensibilidade solidária no grupo, nascida do reconhecimento da dignidade humana e da empatia.

Embora a linguagem poética aparente ser monológica, por não utilizar a voz de outrem e dialogar sem mediador, ela é dialógica e põe em evidência um “eu” que possui um mundo interior povoado por variadas vozes sociais. O poeta se responsabiliza constantemente por sua linguagem. A polifonia permite que o autor crie novos mundos e que os manipule no seu reino de palavras estabelecendo pontes com a vida e com a morte. Michel Foucault (2006, p.24) ampliou a reflexão sobre o potencial dialógico da linguagem poética a partir da análise da obra *Ulysses*, de Joyce, ele destacou que “uma única obra literária pode dar lugar, simultaneamente, a tipos de discursos bem distintos”. Assim, pensar na pluralidade de discursos que cerca o texto literário, especialmente o texto poético, é remeter o pensamento para o campo do comum, da multiplicidade. Entretanto,

²Local onde se vende drogas.

observamos que, com referência aos sujeitos usuários de drogas, predominam discursos homogeneizadores, como por exemplo, aqueles que os apresenta como “escravos do vício”, pessoas incapazes de guiar suas vidas, “gente” que precisa ser tuteladas e internada involuntária ou compulsoriamente. Essas ideias, representadas em variados campos sociais, embasam ações que seguem na contramão dos Direitos Humanos, pois, justificam que esses sujeitos sejam privados de fazer escolhas, de ir e vir livremente, além de inverter valores ao coisificar o “sujeito” (usuário de SPA) e elevaras drogas, “coisas”, ao *status* de sujeito(DA COERSÃO À COESÃO, 2014, p. 12).

O texto intitulado “Reinvindicação”, produzido por cinco membros da oficina de poesia diz: Liberdade de expressão,/Direito a escolha,/ Autoconfiança nas pessoas,/ Melhores condições de trabalho,/ Respeito mútuo” (J.; L.; F.; W; N.). De forma direta, o grupo destacou os direitos básicos dos quais se sentem privados, bem como, alguns valores comuns que fazem a vida adquirir leveza e dignidade. O apelo à liberdade encontra ressonância no artigo 5º da Constituição da República Federativa do Brasil, de 1988. Com o passar do tempo, observamos nas oficinas de poesia, a imagem do “bicho doido” edo “animal irracional”, ceder a outras imagens na autorepresentação: pai, irmão, trabalhador, pessoa que ama e deseja ser amada.

Todas as manhãs me amas sem limites,
Gritaste bem-te-vi, ó liberdade.
Hoje preso falta-lhe espaço ó sanhaço,
Teu bico és forte, mas jamais trincou.
És belo por natureza
E mesmo que com toda tristeza
Canta com certeza
De que o dom vence barreiras.
(W. C. S., grifo nosso)

O poema fala de amor e de sofrimento. Transformar a dor em arte é apanágio dos poetas. O filósofo Herbert Marcuse (1999) acentuou o potencial subversivo próprio da arte contra o princípio da realidade estabelecida. Para esse pensador, a arte evoca imagens da necessidade de libertação que pertence à profunda dimensão da existência humana, articulando a experiência não só de uma classe em particular, mas de todos os oprimidos. O poeta se identifica com o pássaro, “hoje preso”, mas ele reconhece que essa não é uma situação imutável, que pode ser transformada e, a pesar da tristeza, canta e acredita que “o dom vence barreiras”.

“O homem é um animal político porque é um animal literário que se deixa desviar de sua destinação natural pelo poder da palavra”, afirmou Rancière (2005, p. 59).

Acreditamos que o poder da palavra levou o jovem W. C. S., de 23 anos, a se autorizar “poeta”. O jovem escreveu um livro chamado *Constelações* enquanto estava em tratamento em uma Comunidade Terapêutica. Na obra de W. C. S. há um grito premente por liberdade e a denúncia do sentimento de exílio que o dependente químico vivencia: “Como cachorro velho da pata quebrada/ manco pela estrada sem rumo/ Como um vagabundo que sou./ Hora aqui, hora ali,/ Sem casa ou lar disponho-me a vagar/ Na esperança de que me preenchas”.

A ideia de que as pessoas que usam drogas são perigosas e criminosas provocam a desumanização desses sujeitos, subtraindo deles características universais da pessoa humana. Muito se fala sobre a humanização nos serviços de atenção à saúde, nesse sentido, vale destacar que a “humanização” efetiva não depende apenas do atendimento com simpatia e civilidade por parte dos funcionários, e nem pela decoração das estruturas, com rádios, tv, etc. A humanização de um serviço se concretiza na relação humana que se constrói com a pessoa doente. Abrir espaços de criação para os acolhidos nas CTS é um passo importante na humanização desses serviços, além de fomentar fatores de proteção psicológica como o clima dialógico e de cordialidade na comunicação e o desenvolvimento do sentido de pertencimento. Trabalhar a partir desse prisma faz com que palavras como cidadania, autonomia e cuidado, não sejam usadas mecanicamente, mas que sejam diretrizes norteadoras das ações e propostas interventivas nas CTs. Observemos o texto a seguir, que respeitou a ortografia dos acolhidos:

“Um bom trabalho e uma boa família,
Te uma dignidade onesta para construí o nosso futuro melhor
temos que si trata da droga e sai de mau caminho.
Boa Sorte!...” (M. C. F. R.; L.; A. E.; G. A. F.)

O texto apresentado foi escrito por várias mãos e reflete o desejo do grupo de inserção no campo do trabalho, e como diria Foucault, na ordem do discurso. O grupo concorda que é importante uma vida cotidiana simples e honesta, mas mostra, também, como as drogas são vistas como as principais responsáveis pelo ingresso da pessoa no “mau caminho”. Pensar as drogas como responsáveis por todos os males do mundo encobre o fato de que vivemos em uma sociedade de consumidores. Uma visada histórica revela que as SPA acompanham a sociedade desde o seu primórdio, e que a noção de “vício” é uma ideia moderna. Acerca do consumo, Zigmunt Bauman (1998, p. 56- 104) diz que “é a medida de uma vida bem sucedida”, e que já deveríamos ter aprendido que “o transe existencial humano é incuravelmente ambivalente, que o bem está sempre

combinado ao mal, que é impossível traçar com segurança a linha entre a dose benigna e a venenosa de um remédio para nossas imperfeições”. Nessa sociedade narcótica, de consumidores, “ninguém pode se tornar sujeito sem primeiro virar mercadoria”, e esse fato ameaça a subjetividade, pois, faz com que o sujeito precise se atualizar de forma permanente, com vista a manter-se, sempre, “uma mercadoria vendável”. O uso/abuso de SPA, — seja de drogas legalizadas ou não legalizadas—vincula-se, irremediavelmente, ao mal estar da civilização contemporânea. Nesse sentido, a dependência química se afirma como um território de pesquisa multidisciplinar, demandando ações compartilhadas por parte de variados campos do saber.

As atividades lúdicas realizadas nas CTs facilitaram que, para além da interação entre os membros do grupo, cada participante fizesse uma imersão em si mesmo, refletindo sobre o seu viver, com vista a dar um novo significado às suas experiências a partir da compreensão de que somos seres ambíguos, lidando com o paradoxo da incerteza. Essas atividades lúdicas, trabalhadas em diferentes oficinas, envolveram o brincar e o aprender. Trabalhar com narrativas é, antes de tudo, fazer valer a dimensão da autonomia. Vale destacar que, quando alguém apresenta algum conteúdo através da arte, na verdade, ele está (re)apresentando esse conteúdo. Essa ação explicita a subjetividade do sujeito e não é mentira e nem ilusão, antes, é uma realidade outra que lança o produtor/expectador em um mundo intersticial, paralelo, onde tudo é possível: as reflexões e até mesmo as grandes mudanças de rumo na vida.

O pensador Marcuse (1999) destacou que “o amor, o ódio, a alegria e a tristeza, a esperança e o desespero”, embora sejam relegados para os campos da psicologia e, “em termos de economia política” não possam ser consideradas “forças de produção”, são inegavelmente elementos que constituem a realidade de cada pessoa humana. A arte é uma articuladora de humanidades concretas, ela transcende as determinações sociais por meio de seu caráter emancipatório e pela invocação de imagens e necessidades de libertação que penetram na profunda dimensão da existência humana. Edgar Morin (1997, p. 40) destacou que a poesia, é uma forma de arte que, na cultura Ocidental, ficou “relegada no ócio, no divertimento”, tornando-se, de certa maneira, “um elemento inferiorizado em relação à prosa da vida”. Entretanto, o poeta não está confinado ao jogo de palavras, ou ao domínio de jogos de símbolos, antes, ele tem uma competência “multidimensional que diz respeito à humanidade e à política”, mas a mensagem política do poeta é “ultrapassar a política”

(MORIN, 1997, p. 42). Outro texto produzido coletivamente em uma das oficinas de poesia diz:

Eu espero que nós possamos ter direito a ir e vir com igualdade, temos muitas escolhas sem que sejam feitas para nós, que possamos ser dignos de ter a nossa liberdade para que nossos filhos possam ter um futuro com a certeza de que o seu futuro não será [?]. Quero ter direito de escolha³” (R.V, M. N.; L. F).

Bauman (1998, p. 67) destacou que “a preocupação com direitos humanos é um apelo ao excedente de caridade”, a partir da consciência de que há algo “maior que qualquer letra da Lei” de qualquer coisa que o Estado até então tenha feito. Como mostra o poema, precisamos avançar socialmente a partir do respeito aos direitos básicos dos variados grupos. As oficinas de poesia trouxeram à luz os anseios desse grupo marginalizado socialmente. O direito à voz é evocado, afinal: “temos muitas escolhas sem que sejam feitas para nós”. Gayatri Spivack (2004), feminista contemporânea, levantou o questionamento: “pode o subalterno falar?”. Para essa pensadora o subalterno possui dificuldade em se autorepresentar, pois, dificilmente ele é ouvido e, geralmente, a sua voz é intermediada pela voz de outrem. Nas oficinas de poesia o eu não é de carne e osso, é um lugar expresso na escrita, lugar a partir do qual é possível a performance, assim, esse eu pode se transmutar e transgredir.

Objetivamos acolher as falas das pessoas sem censuras ou julgamentos, o que fazia com que nossas ações, muitas vezes, fossem observadas de perto e de longe por alguns profissionais desconfiados das CTs. Boaventura de Sousa Santos (2010) propôs que a identidade do subalterno deve ser construída das margens para o centro, —“espaço limiar”, “espaço-entre”, “espaço de fronteira” — no qual ética e política se mesclam. Assim, as oficinas de poesia, atividade oblíqua e marginal nas CTs e no CAPDQ, mesmo não estando oficialmente inserida nos planos de atividades das CTs, abriu espaço para que esses múltiplos euses expressassem abertamente:

Eu fico perguntando até onde eu posso chegar,
O desafio que no meu caminho eu irei encontrar.
Para enfrentar a vida nunca pensei que fosse assim.
Mas não importa, não há barreiras, vou até o fim.

O plano misterioso, agora o sonho, então eu vou procurar,
Sigo em frente, é meu destino, não importa o lugar.
Coragem eu terei, e nada pode me deter
Eu vou sem medo de nada
E eu enfrentarei (J. R.)

³ O texto não passou por correção da norma técnica da língua portuguesa, respeitamos a forma com o texto foi escrito pelo acolhido.

O poema em questão revela potência política, no sentido proposto por Marcus e (1999, p. 11), “na autonomia que mostra perante as relações sociais, embora proteste contra estas”, transcendendo-as. Observamos a presença de um eu reflexivo e surpreso com as proposições que a vida lhe fez: “nunca pensei que fosse assim”, mas que está decidido a ultrapassar as barreiras, —aqui, a análise não se limita às dificuldades propiciadas pelo uso/abuso das drogas —, mas se estende para as muitas barreiras que uma sociedade preconceituosa e sectária levanta para aquele que não se enquadra no seu plano de pureza e perfeição. Se considerarmos que o uso/abuso de drogas (lícitas e/ou ilícitas) é um sintoma social, concluiremos que vivemos uma sociedade que produz comportamentos aditivos e criadores de dependência. Na obra *O mal-estar da pós-modernidade* (1998, p. 17), Bauman destacou o anseio de “pureza” da civilização contemporânea, que se traduz na busca pela ordem, de forma que tudo aquilo que esteja “fora de lugar”, deve ser “eliminado”: “baratas, moscas, aranhas ou camundongos”, assim como “outros seres humanos que são concebidos como um obstáculo para a apropriada organização do ambiente” não está autorizado a “partilhar o lar” com os moradores “legais”.

O poeta sonha, afirma sua coragem frente a um “plano misterioso”, essa é a ponta do fio desse sonho que nós, profissionais, educadores, pensadores, cuidadores, sociedade em geral, tomamos para ajudá-lo na tessitura de novos sentidos. Um texto é o imbricamento de variadas vozes, uma trama de relações capaz de abrir o mundo das ideias à diversidade. O texto poético mostra, também, a nossa responsabilidade frente a esses sujeitos, a necessidade de que articulemos serviços, políticas sociais, que conclamemos os poderes instituídos, todos trabalhando pela garantia dos direitos dos cidadãos socialmente vulneráveis.

“Eu, R. G. S. andava a me perguntar que quando sair de uma comunidade terapêutica se lá fora você tem chance de continuar a sua vida sem Jesus. Irmão, vou te responder as chances são zero, porque Deus é o único a nos capacitar e libertar de todos os males (R. G. S.).

Reconhecemos o valor da espiritualidade na vida das pessoas, seja ela vinculada ou não a uma religião. Entretanto, percebemos que, em algumas CTs, o discurso religioso era usado para justificar ações que inviabilizavam os movimentos de emancipação das pessoas. Em algumas ocasiões o nosso saber foi desqualificado frente ao “poder transformador da fé”. Ressaltamos que o tratamento oferecido pelas CTs se apoia no tripé: Espiritualidade, Convivência e Laborterapia. A “espiritualidade”, quase que de forma unânime, integrava o quadro de atividades diárias das CTs sob a forma de ritos (cultos, orações, vigílias, etc.),

assim como a laborterapia, quase sempre interpretada como “manter a CT limpa e organizada”.

A convivência é considerada pela Agencia Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), na Resolução de Diretoria Colegiada (RDC), nº 29/2011, que regulamenta o funcionamento das CTS, como sendo o pilar mais importante no processo de recuperação do usuário de drogas. Acreditamos que os dependentes químicos devem enriquecer as suas vidas com novas experiências, e essas devem fomentar a sua autonomia dentro de uma rede de dependência social, ou seja, ligados a grupos com os quais se afinize, sejam eles religiosos, políticos, comunitários, artísticos, etc.

Esse trabalho de fomento da leitura e da escrita nas CTs nasceu implicado com a diversidade, acolhendo pessoas de raça, credo religioso, gênero e convicção política e ideológica variados. Visava estimular, nos acolhidos, a curiosidade para o conhecimento. A partir das oficinas alguns acolhidos sentiram o desejo de retomar os estudos, desejo esse que foi valorizado, e deu forma ao projeto EJA (educação para Jovens e Adultos) na CT. Observemos o poema a seguir:

Eu queria viajar,
Mas estava sem dinheiro,
Peguei um livro para ler
Viajei i dia inteiro.

[...] Se você quiser aprender
Comece agora mesmo a ler.
A leitura ajuda a mudar eu e você
Ajuda a mudar o mundo para nos conhecer”

Você pode até me esquecer,
Mas nunca deixe de ler.
(R. L. S.)

O texto poético trata, comum toque de ironia, do potencial libertador e fantástico da leitura, de como ele pode ajudar na mudança de visão da pessoa sobre o mundo. Já o poema a seguir, mostra um acolhido pensando sobre a questão profissional. Esse tipo de indagação é comum dentro das CTs, visto que muitos acolhidos tem família, ou mesmo anseiam por independência financeira para terem certa autonomia na vida.

Lembranças do meu passado
Desde novo sempre quis ser enfermeiro
Mas com o tempo percebi que tinha medo
De injeção e sangue e de cheiro de machucado.
Não consigo ver um morto
Quando vou tirar sangue começo a tremer
Mas sempre fui apaixonado pela profissão (J.)

Observamos que um fio foi resgatado, “lembranças de um passado”, de um eu que queria cuidar do outro, ser “enfermeiro”, e a admiração explicitada pela profissão pela qual foi “apaixonado”. Os textos permitem que deslocamentos e trajetórias de vida sejam esboçados pelo sujeito, bem como, que por meio da linguagem (textual ou imagética), sejam executadas táticas de sobrevivência psicoexistencial. Frente à monologia e ao autoritarismo de alguns discursos, a linguagem poética se apresenta como uma ação de resistência, pois é portadora de múltiplas vozes. A polifonia, própria do poético, inseriu nas CTs as vozes da mulher, do homem, da criança, do negro, do homossexual, do índio, a voz da terra, dos animais, da pedra insistente do meio do caminho.

O desejo de auscultar essas vozes múltiplas e de transcrevê-las, fazendo com que elas ultrapassassem os muros das instituições, nos trouxe até aqui. Mesmo que o trabalho tenha durado apenas seis meses, ele moveu algo dentro de nós e acreditamos que teve algum proveito para os participantes.

As oficinas de poesia não eram obrigatórias, eram abertas para quem quisesse participar. Ninguém era obrigado a ler e nem a escrever, muitos acolhidos ficavam em silêncio e, aos poucos, iam sentindo segurança e se integrando no grupo a partir da fala.

O filósofo Dewey (1992, p. 24) fala sobre o “prazer estético”, uma “barato” diferente, que só a arte pode dar. Segundo esse pensador a satisfação que a produção artística propicia é “integradora e emocional”, ela permite que “modos de equilíbrio sejam atingidos” e que nos sintamos “realizados, apesar de surpresos”, dessa forma, a arte permite que sejamos “levados para além de nós mesmos para que encontremos a nós mesmos” (DEWEY, 1992, p. 24). O campo da arte é aberto à esperança e, no contexto do tratamento da dependência química, mostrou-se promotor e potencializador da saúde.

Um rapaz de 25 anos chamado J.C. escreveu o poema intitulado “Eu vejo flores também”, no qual diz: “Todas as perdas não foram capazes de deter a potente liberdade que emana/ do mais profundo e nobre do meu eu./ Não estou só nessa nova jornada onde o recomeço é tarefa árdua diária. / Além dos transtornos e abismos, posso colher belas e variadas flores no caminho.” Eis um atributo possível ao caminho, além das pedras, as flores. Esse jovem e mais dois colegas, apaixonados pela literatura, produziram variados escritos que passaram pela poesia, pela prosa, culminando na produção de narrativas que, em algum momento poderão ser publicadas na forma de livro.

A motivação é um fator importante para o sucesso de qualquer ação. Observemos o poema intitulado “O hoje”:

Ao acordar tive uma breve sensação
Que papai do céu ouviu minha oração
[...]

Ao achar que seria um dia corriqueiro
Logo me deparo com a chuva no terreiro
Sintoma da mudança da estação
Já se foi a primavera é chagado o outono
E papai do céu continua operando do seu trono.

Mas muita calma o dia não acabou
Estamos reunidos no refeitório
Contando histórias, falando de amor,
A chuva continua caindo
E pérolas de meus amigos sigo ouvindo
Motivado pela instrutora motivada.

Me pergunto se exponho essa jornada
Afim, vocês devem imaginar
Houve sim um interesse em compartilhar
Afim o meio dia vem chegando
E a vontade de almoçar está aflorando.

Muito se discute acerca do papel do intelectual contemporâneo e sobre o “lugar crítico” que ele ocupa. Atuar em lugares marcados pela exclusão social seja como autor, seja como mediador ou divulgador de produções de segmentos excluídos, ratifico, é um desafio. Assumimos o trabalho com oficinas terapêuticas, especialmente as de poesia, tendo como principal motivação a certeza de que esse é um fazer capaz de transformar vidas, não apenas a das pessoas que fazem o uso abusivo das drogas e sofrem as consequências desse uso descontrolado, mas de todos que, de alguma forma, são tocados pela produção desses sujeitos. Trabalhar com saúde é, antes de tudo, uma “profissão de fé”. O entusiasmo é um estado de espírito que se propaga gerando devires inusitados. A palavra é matéria de luxo da linguagem e traz no seu bojo o germe da ação, como mostram os poemas a seguir:

Liberdade não é só falar, mas sim viver plenamente. Liberdade também significa ser libertado dos nossos vícios e não só da boca pra fora, mas sim de dentro dos nossos corações. Liberdade é amor sem medida (F. C.; L. A. T.; M)

*

A vida deve ser levada em harmonia: seres humanos, natureza, animais silvestres, etc. Sentimentos plurais focam a boa interiorização mental, espiritual e físico (D.)

Defendemos a importância das atividades lúdicas terapêuticas dentro das CTs, atuando juntamente com a psicologia, o serviço social, a psiquiatria, entre outros campos do saber humano. Nessa experiência, observamos que as atividades lúdicas eram vistas por

gestores e funcionários das CTs como atividades boas para “ocupar o tempo”, “distrair”, afinal “cabeça vazia é oficina do diabo”. Essa visão reducionista acerca das oficinas terapêuticas revela alguns analisadores, entre eles a dificuldade das equipes de se deslocarem das suas posições epistemológicas, de se hibridarem. Na obra *A representação do intelectual*, Edward Said (2005, p. 20) destacou que o papel público desempenhado na sociedade pelo intelectual, torna imperativo que esse traga à luz questões embaraçosas, que confronte ortodoxias e dogmas, bem como, que resista bravamente a cooptação por parte de Governos e de incorporações. Se não proceder assim, ele se tornará “um profissional sem rosto, um membro competente de uma classe que só quer cuidar de suas coisas e de seus interesses” (SAID, 2005, p. 25-27).

O texto de Said é pertinente, a partir dele pudemos refletir sobre o nosso lugar enquanto servidor público. Nossa dispensa da Rede Abraço não permitiu que esse trabalho tivesse continuidade, mas estamos cientes do dever cumprido, apesar das muitas dificuldades que se levantaram, da falta de recursos, pois, o próprio CAPDQ nunca investiu na compra de materiais para as oficinas, todo o tempo trabalhamos com doações de amigos e com materiais comprados com recursos próprios.



A experiência relatada, como já foi mencionado, ocorreu em um espaço temporal de seis meses. Além das oficinas de poesia, foram criadas *Rodas de leitura reflexiva*, que consistia na leitura e discussão de variados textos literários (poemas, contos, crônicas, histórias da tradição oral, peças teatrais e filosóficas) junto aos acolhidos das CTs. Essa atividade serviu para fomentar a realização de variadas oficinas terapêuticas de artes plásticas que, após a leitura e o diálogo com os textos, davam forma a desenhos e esculturas de papel. Encontramos muitos artistas acolhidos nas CTs: pintores, músicos, cantores, artesão, etc. Nossas ações visavam, também, estimular esse grupo a produzir e a compartilhar o saber

com os outros acolhidos. Uma campanha de arrecadação de livros didáticos e literários possibilitou a estruturação bibliotecas e pontos de leitura em varias CTs. Em consonância com a RDC 29, de 30 de junho de 2011 (ANVISA), propusemos que as comunidades inserissem essas atividades nos seus planos de atividades diárias. A Roda de leitura reflexiva fomentou, ainda, a realização de saraus e varais de poesia nas CTS. Essa atividade lúdica terapêutica tinham o cuidado de facilitar a inserção do participante no grupo independente da sua escolaridade, nível social, credo, ideologia, nacionalidade, orientação sexual ou possível déficit cognitivo decorrente do uso de drogas.

Acreditamos que essas ações ajudaram a desenvolver a escuta reflexiva e o senso crítico no grupo, além de potencializar o desenvolvimento de habilidades cognitivas essenciais para o aprendizado como a memória, a atenção, o pensamento, a percepção, e a imaginação. As atividades com poesia despertaram a curiosidade, a interatividade e a cooperação, além de favorecer o gosto pela leitura e pela escrita.



Essa comunicação teve como foco a produção individual e grupal realizada nas oficinas de poesia pelos acolhidos das CTs credenciadas pelo Governo do Estado do Espírito Santo. Discussões que envolvem o bom ou mau funcionamento do CAPDQ (Rede Abraço) ou das CTs, e outras que envolvam o campo das drogas, como a legalização e/ou o proibicionismo, devido à sua complexidade, ficarão para outra oportunidade. Tomando Foucault (2006, p. 5) como modelo, “sub-repticiamente”, finalizo com o depoimento do Sr. R., para que suas palavras nos envolvam e levem “para além de todo começo possível”. O Sr. R., de 60 anos, funcionário público de uma prefeitura capixaba, redescobriu o prazer pela leitura na CT, passando a atuar como “bibliotecário” e cuidador do acervo da biblioteca, organizando e cuidando desse espaço e dos empréstimos e devoluções dos livros:

Um caminho novo na minha vida foi um rumo, nossa! Muito bom, sei que vou poder dar muito de mim para as pessoas, me auto ajudar e ajuda-las também. [...] Quando eu vejo as pessoas chegarem ai, pessoas que estavam lá embaixo, que não sabiam nem... que tinham parado de ler a anos e se interessaram pela leitura, e leem, e procuram os livros que temos ali no acervo. Um mesmo tá lendo a biografia do Cazusa, ele Ra fã do Cazusa e não tinha nunca lido nada sobre o Cazusa. “R., pelo amor de Deus, que coisa linda! (diz o leitor para R.). E tá... então a gente fica muito feliz com tudo isso.

Referências:

ÁLCOOL E SOCIEDADE: da coesão à coesão. Recurso eletrônico] Universidade Federal de Santa Catarina; Walter Ferreira de Oliveira; Henrique Carneiro [orgs].—Florianópolis: Departamento de Saúde Pública/ UFSC, 2014.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. (coleção biblioteca universal).

BAUMAN, Zigmunt. **O mal estar da pós-modernidade**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BAUMAN, Zigmunt. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo na poesia**. São Paulo: Cultrix, 1977.

DEWEY, John. **Da arte e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

MARCUSE, Herbert. **A dimensão estética: arte e comunicação**. Lisboa: Edições 70, 1999.

MORIN, Edgar. **Amor, poesia, sabedoria**. Lisboa, Portugal: Instituto Piaget, 1997.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: estética e política**. São Paulo: EXO Experimental org.; Editora 34, 2005.

SAID, Edward. **Representação do intelectual: as conferências de Reich de 1993**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**. 3. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2010. (Coleção para um novo senso comum; v. 4).